

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Carlos de Magalhães Bagueete.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE MARÇO DE 1911

N.º 291

SCENAS DA EMIGRAÇÃO

Portuguezes a caminho das ilhas Sandwich



(Phot. de J. Benoit.)

Os emigrantes alemtejanos no Terreiro do Paço, aguardando a hora da partida

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Carta aberta sobre os acontecimentos

Ex.^{ma} Sr.^a

D. Dorothea Meyrelles

Quinta de Candosa

ALTO DOURO

Minha Ex.^{ma} Amiga e Senhora do meu maior respeito:

Aqui me tem a dar-lhe noticias minhas e d'esta linda Lisboa, cada vez mais linda, agora, especialmente, com um sol glorioso inundando de oiro — o unico oiro que nos resta — as largas avenidas e as lobregas vielas, com as acacias reverdecendo, com andorinhas pelos beiraes e com as primeiras damas de saia-calção, que é a mais recente e despejada pouca vergonha de que a illustrada imprensa dá noticia.

Saia-calção, é verdade. Não tape V. Ex.^a o ruborizado rosto com o seu fino lencinho de rendas que eu, por hoje, não lhe digo mais sobre o assumpto. Fica para outra vez: para quando eu lhe falar com lazeres proprios d'esta quadra folionia do Carnaval que se approxima e que já se fez sentir por uma engraçada festa de que lhe falarei ainda hoje.

O augmento da corrente emigratoria entre nós é, será um facto inevitavel enquanto uma funda transformação da vida social não destruir as causas que a produzem. Estas são demasiadamente conhecidas como provenientes da profunda corrupção dos nossos costumes publicos — agora em via de regeneração, segundo dizem os entendidos — que cria o parasitismo e o privilegio ao amparo da incapacidade ou da arbitrariedade, e origina a crescente miseria que se estende a todo o paiz, tanto no centro como na periferia.

Como consequencia fatal d'este mal, a emigração produz-se desordenadamente, sem o conhecimento e a reflexão necessaria para que o exodo traga vantagens e não occorra o que agora succedeu com algumas centenas de desgraçados, ha pouco de passagem por Lisboa, que misturavam a nota tragica da sua presença na alegria (?) d'esta época de folias, de longa data consagrada ao riso, que teima em ser amarello.

Foi o caso que ha dias chegou ao Tejo um vapor carregado de emigrantes. Gente de Traz-os-Montes. Seus visinhos. Aquelles homens de torso derreado pelo trabalho da enxada, de sol a sol, á inclemencia do Tempo, em pleno campo, cujos labios quietos escaldam

Scenas da emigração

Portuguezes a caminho das Ilhas Sandwich



Os emigrantes alemtejanos desembarcando na estação do Sul e Sueste

Phot. de J. Benoitel.)

da ultima praga, em cujo olhar duro debalde se procura ler a esperança.

A historia d'elles conhece-a a minha boa amiga, até como proprietaria. Escuso de me referir a ella. Miséria, miséria, miséria. Do berço á cova. Olhos que seccaram de chorar todos os prantos, boccas crestadas, ao nascer, pelo vento da adversidade, e que nunca floriram n'um sorriso feliz.

Assim crescem, assim medram. Crescem e medram na miseria porque de miseria vivem. E' uma sina. Um dia casam e a miseria augmenta. Breve passam as horas da lua de mel. Ha mais uma bocca a comer...

— Lá a minha...

A minha é a mulher. Depois, vem a canalha. A canalha é a filha-rada. Um fedelho, dois, tres, cinco... Por fim são aos cachos ao



Scenas da emigração. — PORTUGUEZES A CAMINHO DAS ILHAS SANDWICH

Os emigrantes alemtejanos dirigindo-se para a rua das Canastras onde se alojavam n'uns casarões na vespera da partida

Phot. de A. C. Lima.)



Scenas da emigração. — PORTUGUEZES A CAMINHO DAS ILHAS SANDWICH
Um quadro de miseria

collo da mãe, berradores e já tostados a sol, chupando desesperadamente em pobres seios exaustos.

Acordam-o de noite com o seu choro. Debalde tenta dormir. Agora é a cantilena da mãe, tentando adormecer o pequerrucho. Elle pensa, matuta em tudo aquillo: na sua, na canalha — sobretudo na canalha cujo numero cresce e elle sempre, sempre, com os seus oito vintens, doze vintens — oh felicidade! — para sustentar toda aquella gente, aquella a quem elle deve amparo, aquelles que lhe devem o ser. E não torna a conciliar o somno. Elle pode lá dormir pensando n'aquella negra vida, sem esperança de melhores dias, na certeza absoluta de dias bem peores!

Até que um gallo canta, acordando outro e outros... Os primeiros alvares do dia riscam de luz a tosca porta do casebre. Emfim! E' a luz que dissipa as trevas da noite horrivel que obriga a pensar, que dissipa as trevas do seu espirito fraco, a si proprio entregue, sem uma voz que o conforte, o tranquillise, o apazigue. E' o dia, emfim, é o trabalho! O trabalho derredor, exaustivo, torturante —

mas o trabalho que o absorve, que lhe faz esquecer aquella vida de degradedado.

Ergue-se d'um salto e á pressa veste a sordida andaina. E elle ahí abala, de enxada ao hombro, sem dizer uma palavra de despedida á mulher, sem um beijo para os filhos, sem olhar para traz, para aquella furna onde fica tudo quanto possui — algumas boccas vorazes...

E' é assim todos os dias. Até que chega, não se sabe bem d'onde nem como, qual demonio de magica, um bom senhor bem-falante e cortez, com palavras doces na bocca sorridente e cachuchos reluzentes nos dedos trigueiros. E o bom senhor fala da triste vida que elle leva, rasgando-lhe mais e mais a ferida do seu desespero para que elle sinta bem, depois, o falso alivio do falsissimo balsamo de esperanza que no espirito torturado do infeliz a eloquencia reles do malandrim entornará. E diz-lhe coisas maravilhosas d'um paiz longinquo onde se chega a colher o oiro esgaravando no sólo. E' a terra de abundancia, de trabalho remunerado, do pão farto, do oiro facil. Ganha-se bem, ganha-se muito, ganha-se tudo o que se quer ganhar. E' a riqueza, é o oiro em pilhas. O pão na arca, a andaina rica na arca, as sobras dos ganhos incalculaveis nos bancos, crescendo, multiplicando-se... Um deslumbramento, uma vertigem... E é facil, tão facil obter aquella felicidade unica, a verdadeira felicidade — a riqueza! E' só querer. E só resolver-se a ir...

— Resolva-se... Vá, não dirá que não o quiz ajudar. Eu adeantolhe a passagem. Lá m'a pagará, com o seu trabalho, em podendo.

— Mas para onde me leva?

Elle diz-lhe que para o Brasil, por exemplo. E' sempre para o Brasil. O infame sabe o prestigio que esta palavra magica exerce no espirito do nosso camponez. Resolve-o, por fim. E elle ahí vae, abandonando mulher e filhos, para o porão d'um barco a caminho d'um paiz desconhecido. Do Hawaí, como agora succedeu com estes desgraçados chegados ao Tejo para aguardarem outra leva, esperada do Alemtjeo.

Lisboa presenciou e commoveu-se com o espectáculo horrivel d'essa miseria. Um brado de indignação e de dor sahiu de todos os peitos. Inolvidavel esse aspecto ultimo da vida dos nossos campos, essa ultima *étape* da peregrinação d'esses miseros por este mundo.

Alguns recuaram, voltando ás terras da sua naturalidade. Outros seguiram o seu destino e lá foram, á mercê de Deus, para o desconhecido, como uma manada a caminho do matadouro...

... E talvez os mais felizes sejam os que n'esse paiz longinquo encontrem a morte redemptora...

A' hora a que lhe escreveu ainda não começou o Carnaval official, isto é, o Carnaval da folhinha. O que elle será é facil de prever. Pelos domingos se tiram os dias santos, diz a Sabedoria das Nações. E a bom entenderor meia palavra basta, accrescentarei.

Comtudo alguma coisa ha já a registar e alguma coisa de bom: a festa dos Estudantes da Escola Polytechnica, realisada junto do Jardim Botânico, n'um vasto recinto, dependencia da Escola.

O que a estouvada e sã alegria d'esses vivos demonios fez não se descreve. Foi coisa muito de ver. Não primaram pela originalidade, as festas, mas o que lhes faltou em novidade sobejou-lhes em graça,



Scenas da emigração. — PORTUGUEZES A CAMINHO DAS ILHAS SANDWICH — A bordo do paquete «Orterica»
Os emigrantes de Traz-os-Montes

(Phot. de J. Benoiel.)

O CARNAVAL DE 1911

O carnaval dos estudantes da Escola Polytechnica



O cortejo carnavalesco na praça do Principe Real

que a teve ás pilhas, e em alegria, que mais communicativa que a dos rapazes nunca houve.

A parodia á famosa Feira de Agosto, na Avenida, foi preciosissima. Eu, que sou de riso difficil, ri com gosto, como não ria ha muito. Não imagina o que eram essas barracas de comes e bebes, o theatro lyrico, o *Moulin Rouge*...

Muito pode a mocidade, minha querida amiga. Que o diga a incapacidade da nossa triste velhice!

Que mais lhe direi?

Partiu para o Brasil, d'esta vez como simples particular, aquelle



O carnaval dos estudantes da Escola Polytechnica. — Outro aspecto do cortejo — Uma das bailarinas

(Phot. de A. C. Lima).

que não ha muito foi, no paiz irmão, nosso representante: Camelo Lampreia.



O carnaval dos estudantes da Escola Polytechnica

O rei Carnaval e a princeza Viroscas

(Phot. de J. Benoliel.)

Ai, que lá me ia esquecendo! A publicação da lei eleitoral está annunciada para segunda feira gorda.

Não posso continuar. Vae uma algarazra medonha na rua. Alguem grita:

Je te connais, beau masque!

CAMARA LIMA.

Sereia e Redemptora

Grandes dias de calor e de sol! Um sol crú dardejando insubmissamente, a desafiar-nos com espadas rebrilhantes para o grande duello do perpetuo amor victorioso.

O céu sem a suspeita de uma nuvem.

Galgando a assomada dos môrros, mães d'agua purissima ajoelham em cachoeiras, talvez n'uma intuitiva adoração pagan.

D'onde a onde evolvem-se lendas que vão sumir-se no ternissimo mysterio do sertão.

Pela natureza inteira vão fremitos de vida; no ramalhar indolente das arvores, no zum-zum do mosquedo, ao meio dia, quando o calor aperta, na limpidez serena do azul rasgado, nas aguas que escorrem lascivamente, ha como que uma jubilosa alleluia da força e da saude, uma plena communhão das coisas que se attrahem e se buscam incessantemente para as bodas sponsalicias da materia, para a sublime fecundação universal.

Em torno, tudo é exuberancia, tudo proclama a Vida, a grande Vida, remunerante, sagrada, que se revesa da flôr ao homem, da gotta d'agua á sebe, no supremo triumpho da sua labutante germinação eterna.

Como não haviam de ser francos, hospitaleiros, e prodigos e corajosos os corações d'aquelle povo? Como não? Se do solo lhes vem o exemplo e o estímulo da natureza! se se lhes transfundiu no sangue a mesma força e a mesma crepitação vital que se difunde pelo ar e se espargela na terra; aquella terra ubere, que parece ter sido arroteada pela tunica de alguma fada; aquella terra onde nada falta para gerar gigantes e fecundar vegetações phantasticas! onde o proprio luar como que emana uma bafo protector para adocetar perpetuas maturidades.

Aquella natureza luxuriante, com o seu clima tropical, a abundante gamma dos seus panoramas e o chromatismo variegado dos seus mananciaes crystallinos, arrebatá ás mais longas paixões, aquelles sonhadores, filhos de poetas, netos de navegantes.

A vida é facil. Elle confia na vida. E casa-se cedo, sem preocupar-se um momento com as futuras difficuldades e encargos do ménage.

O brasileiro casa-se como aconselha *Michelet*; moço, pobre, ao despontar da vida. Então talvez nasça ahí a ambição. Mas o futuro é proximo: uma banca de advogado, uma clinica medica, uma vida de agronomo na mina da Amazonia, o trabalho, o negocio e em poucos annos eil-o de viagem para a Europa, com um bando de rebentos, rechonchudos e espertos, em que desabrochou a arvore d'aquelle amor fructifero, fonte da vida e da alegria.

Entretanto o seu lar é modestissimo: uma casinha com muita luz, muito accio, trespassada de sol e guardada por uma grade, através da qual uma folhagem viçosa filtra, em osmoses subtis, os seus leves cheiros e boas sombras.

Desconhecem o viver de Lisboa, de Madrid, de Paris, aos andares, onde as populações se arrumam empilhadas, em sordidos predios sem ar, muitas vezes sem luz.

Exercem a sua house.

Nunca lhes falta ar, nem luz, nem agua, ás casas brasileiras. E com ar, luz e agua, muita agua, n'uma casinha a meia legua da cidade, distante do centro, onde não se ouça a rala do trabalho, onde não chegue o sussurro da lucta, — o brasileiro considera-se feliz. Felizes e serenos, como bons hollandezes.

D'alli se mudam quando a próle augmenta e a fortuna sobe. Alli se constitue uma familia muito semelhante á nossa; alli domina o amor da mulher brasileira, tambem muito parecida com a mulher portugueza.

Só mais cariciosa, mais meiga. E' uma gata. Tem toda a doçura da alfachina derretida ao sol dos tropicos. A pronuncia é uma balada.

Então, a fluminense, ah! uma tentação, uma sereia... Moderação estonteante, que tem a espiritualizada limpidez de uma espelhada ribeira, cujas aguas se encrespam mansamente, lascivas, d'onde a onde tocadas de uma brisa tepida, de volupias, que veem do Sol, ás espargelladas de calor e de luz.

Creatura de seducção, possui todos os motivos para o andante do gozo e todas as sublimidades da Pureza para a rapsodia do Amor casto.

Se a vemos na rua, temos a impressão de que passou por nós uma parisiense. Nos seus vestidos leves, em *foulard* de seda, ha toda a complicada sciencia feminil da elegancia e da graça. Os seus perfumes exquisitos, penetrantes, extranhamente raros, lembram quintessencias de Cervas virtuosas, para ella colhidas nas mattas virgens do sertão. Toda a sua figura de mulher robusta, construida para ser mãe, e ao mesmo tempo flexivel, sae invocadamente d'esse perfume impregnante que as suas mãos longas e finas parecem distillar. Um demoniosinho! uma rainha!

Mas em casa é que é vel-a. Ninguem como ella, para o lar. Continúa a ser a mesma rainha, que não abdica dos seus encantos, nem depois de casada. Ah! mas não d'essas rainhas de uma altivez fria, de uma inerte majestade de estatuas. Não. Uma soberana que domina com a meiguice em todo esse reinado de esposa, que é uma perenne lua de mel.

Elle, por seu turno, tem para a sua mulherzinha attentões de noivo. E' incapaz de regressar a casa, pelas seis, sem o seu embrulho côr de rosa, umas frutas, um dôce. Com a esposa na rua, no *bond*, nos theatros, em casa, procede com a gentileza de qualquer



O carnaval dos estudantes da Escola Polytechnica

(Phot. de J. Benoliel.) Os artistas do Polyhson Palace

de nós para com as senhoras, que tivessemos de conduzir a uma mesa de jantar allemã. Ella *ménagée* e, como poucas, possui a noção d'esse primeiro preceito da mulher: o cuidado da pessoa. E na sua *toilette* da casa põe a mesma graça que empregaria nos seus tempos de solteira. Espera-o no *perron*, condul-o entre garrulices á

saleta, enquanto a pequenada corre ao pae a despojal-o dos embrulhos e dos jornaes, com beijos e risadas.

A casa de jantar, muito fresquinha da viração que entra livremente pelas janellas, ostenta uma natural decoração, feita de gosto mais do que arte, esse encanto que as mãos feiticeiras das mulheres sómente sabem encontrar. A mesa, no chão ou em baixos *étagères*, begonias e vasos de plantas mais augmentam a frescura. A mesa cheia de alliciencias, tem rebrilhamentos alvos e flôres perfumosas.

O marido serve-a. Ella agradece com uma graça delicada, adoravel. Muito intelligente, a sua vizinha de velludo entretém-nos durante todo o jantar, como uma orchestra harmoniosa, com uma conversa saltitante, que só se interrompe para irnos tomar o café a outra sala ou na varanda sobranceira à chácara, em cadeiras commo-das, vendo a noite tepida lucilar no cimo.

O seu espirito, do qual cuida como de si propria e dos seus filhos, interessa-nos a comêço. Por fim deleita-nos.

Conhece livros, dois ou tres idiomas e fala em francez correctissimo, com aquella pronuncia privilegiada que todo o brasileiro possui, n'uma extraordinaria predisposição para o polyglottismo, no que é igual ou superior aos russos.

Toca bem piano e canta, possuindo uma perfeita educação de *musicienne*, para causar admiração a todos os compositores, pianistas e violinistas celebres que tem visitado o Rio, qual reputam como um dos mais adeantados meios musicaes da America do Sul.

Recebe-o ao crer: bebe-o no leite.

Os lares são nitidas miniaturas das Patrias.

D'esse lar, com os ninhos de pureza onde a mais dulcificante estima proclamou a egualdade conjugal, uma nação livre brotou triumphalmente.

Nos seus grandes actos civicos, como nas crises de sentimento: para o casamento pelo Amor, para a Republica pela ante-saudade d'aquelle horizonte aureoreal onde relampagueava a sphinge da liberdade idolatrada.

Sempre a mesma intrepidez para a conquista da Vida, o mesmo sublime arrebatamento para a lucta. Sempre a mesma angusta imprevidencia com que caminham para o Amor, esperançados no trabalho, sem receio aos obstaculos, ao encontro da dôr, sabendo lutar, porque sabem querer, sabendo querer porque sabem amar, porque os dotou a mais divina confiança na bondade da vida e no poder, na riqueza do seu solo, o que lhes assegurará o sagrado triumpho das raças fortes, as predestinadas a espalhar-se pelo mundo, fecundando-o de bondade para a invencivel conquista da felicidade.

E a soberba constituição d'aquelle povo, saturado dos principios da liberdade e do civismo, é a obra abençoada da mulher.

E' a ti, mulher brasileira! a quem cabe a gloria d'esse povo rico de civismo, construido com os filhos que tu acalentaste na abundancia sadia do teu collo! a ti a quem se deve essa nação de homens

A partida do sr. Camelo Lampreia para o Brasil



No Terreiro do Paço. — Senhoras e cavalheiros que foram assistir à partida do antigo ministro de Portugal no Brasil

E a mulher dos outros Estados, se não é, como a fluminense, d'um tão absoluto refinamento, resume todavia essas geraes condições que fazem da mulher da sua raça, da mulher brasileira, um typo ideal de mulher, de esposa e de mãe.

Dedicada em extremo, interessa-se pelos negocios do marido, e esse interesse, essa identificação d'alma, que a mulher brasileira vota a tudo o que diz respeito á vida do marido, leva-a a interessar-se pelos destinos da patria.

No brasileiro, como em nenhum outro povo, o sentimento patriótico e a fibra politica são d'uma vibratibilidade afinadissima. E, uma vez que elle não reduz a mulher á condição de objecto, confiando-lhe todas as suas alegrias, as suas apprehensões, os seus odios e as suas esperanças, — a mulher brasileira tem diariamente pela bocca do seu homem a chronica viva dos acontecimentos da patria.

Por isto, ella sabe e discute os successos politicos, apaixonadamente por vezes. Quer tanto ao seu paiz, como ao seu lar, tem zélos patrióticos e zanga-se se alguém offende a sua patria.

D'ahi a educação civica que os filhos recebem desde o berço, bebendo no leite materno o amor da patria fervoroso e grande. Assim, aquella mocidade não chega ás escolas superiores nem d'ellas são, — á semelhança d'outras —, ignorando os riscos que ameaçam a sua patria, n'uma indiferença e n'uma inconsciencia, criminosas, dos seus deveres civicos. O rapaz brasileiro, não: é exaltado em politica, tem crenças e defende-as com toda aquella coragem, que é um dos seus caracteres, com toda a sua grande fé de patriota ardente.

E esse patriotismo é-lhe insuflado desde creança.

livres! a ti que lhe infiltraste n'alma, o credo da patria, com as tuas palavras que são cadencias perdas d'uma sonata! com essas palavras que tu dizes n'uma pronuncia de meiguice que penetra todo o ser e vai até ao coração, affagando e catechizando-o...

Todas as conquistas do povo a que pertences, tu as fizeste pela suprema influencia do teu sentimento. Esse ideal de liberdade, que hoje anda expirando de todo o coração brasileiro, sahiu-te do seio, com o leite vivificador, mulher! Tu merecias as paginas d'ouro de um grande livro, todo teu, só teu! porque tu foste e serás sempre a redemptora da tua patria. Tu nasceste para amar e ser amada, para seres uma eterna fonte da vida, da saude, da abundancia e da felicidade.

Deve-se-te toda a adoração, mulher brasileira! nome que quizera saber dulcificar como as palavras que sahem da tua bocca, verdadeiros rythmos espasmos de uma sonata executada por choréas d'anjos ao luar, para além das collinas dos lilazes.

JOAQUIM LEITÃO.

Se algum dia, por caso, na espessura,
Se perder o amor e a affeição,
Tirem a pedra d'esta sepultura,
E em figura de cinza os acharão.

CAMÕES.

AÇORES

(Lenda Beirôa)

Antes de abandonar Toledo para vir á Lusitania pagar uma promessa de crença, o rei Suintila reunira no seu palacio toda a nobreza wisigoda, a quem, na sua ausencia, incumbia o poder e as forças do imperio, já condemnado pela cubiça invencível dos arabes.

O palacio lembrava, nesse dia, uma enorme tenda da guerra onde se discutia e se entrecrocavam armas de prelados e barões, e os habitantes da cidade, tão açodados andavam nos preparativos da viagem, que pareciam obedecer a voz de Odin para retomarem a vida nomada dos barbaros de Theodorik.

Já Toledo adormecera e as luzes do palacio prateavam os laranjeiros do jardim real, e ainda Suintila presidia ao concilio de millenários e bispos, falando-lhes da sua viagem e da defeza do imperio.

A mesma hora, a princeza Suintiliuba, filha do rei, illudindo a

— Se eu minto, princeza, que o rei vos dê a cabeça d'este turbante!...

E atirou-lh'o confiadamente ao regaço, sumindo-se, com agillidade na verdura cerrada das arvores.

Dahi em deante amaram-se, e com tal extremo que a princeza, ao saber da viagem, obtivera do pae que o mestre de falcoeiros os acompanhasse, a pretexto de se exercitarem uns açores novos, chegados das Asturias, para o que a Lusitania possuia abundantes campos de caça.

Para lhe dar a boa nova chamara a princeza o arabe que com ella conversava de amor, debaixo das laranjeiras, enquanto no paço, que lhes ficava proximo, ouviam falar de assumptos guerreiros.

E quando Abamir entrou no jardim, já a princeza o esperava.

— Só Allah é grande... sorriu-lhe baixinho, querendo ergue-lo da areia onde ajoelhara.

— E só vós sois bella!... segredou-lhe o arabe enlouquecido, estreitando-a, de joelhos, pela cintura.

— Abamir! — reprehendeu Suintiliuba, desprendendo-se e sentando-se afflicta n'um banco de pedra.

O arabe curvou-se para a terra, beijando-lhe n'um ruido quente como o crepitar da chamma a fimbria do arminho que lhe cahia dos hombros.

E levantou-se tímido e ferido por aquella audacia irreprimivel.

— Senhora, perdoae!...

Mas Suintiliuba tremia sem poder falar.



A partida do sr. Camelo Lampreia para o Brasil

(Phot. de J. Benoitel.) Amigos do sr. Camelo Lampreia despedindo-se do antigo diplomata no Caes das Columnas

vigilancia dos bucellarios, enquanto os guerreiros cuidavam do imperio, recebia ella, n'um terraço do jardim, um moço arabe — o proprio filho do Kalifa, que viera de Damasco á Iberia disfarçado em mercador de prata, a espisar a hora em que o gume da cimitarra pudesse cortar os ultimos nervos do imperio godo.

Abamir, o primeiro filho do Kalifa, fóra, nas guerras de Africa, o mais esforçado e astuto voali do Alkorão. Poderoso e privilegiado, para estudar a conquista da Iberia e servir Allah, trocara o turbante verde de principe pelas vestes do negociante, e por amor de Suintiliuba envergara a stringe grosseira de mestre de falcoeiros, entrando, humildemente, ao serviço venatorio do rei Suintila.

Fôra n'uma tarde de caça em que a princeza corria veloz através de um bosque, na perseguição de um gamo, que Abamir, audaz e rapido como um vôo de falcão, a detivera na carreira, para lhe vibrar certo o fogo do seu amor.

Disse-lhe suffocadamente a sua historia e a sua paixão em phrases curtas, desvairadas, com a ardencia de um martyr revelador prestes a morrer de um golpe na garganta.

«Era um espião, o proprio filho do Kalifa... A mão de Allah apagara no céu a estrella dos godos... Só os olhos de Suintiliuba, guardavam as Hespanhas»...

Suintiliuba, para o repellar, aguilhoara com um dardo a pelle nedia da sua egua branca, mas Abamir tomou-lhe o caminho com uma audacia onde havia humildade e sacrificio.

— Arabe! Perdão-vos porque sois bello, mas mentis!...

Abamir, abrindo rapidamente a stringe, tirou d'ella o turbante verde que o garantia como descendente do Propheta.

O ruido brando dos seus dentes finos confundia-se no murmuro das perolas que se entrecrocavam docemente na carne tremula do seio.

Soffria de frio e de fogo. Parecia-lhe que o abraço a cingira de chamma e que o beijo de Abamir lhe incendiara a seda do amiculo. As laranjas suspensas, banhadas de luz, via-as como estrellas accensas que a mão do seu Deus — para castigo d'aquelle amor — deixava cahir do céu, a arrasar o imperio dos godos, e o resoar das vozes, no palacio, lembrava-lhe a vozeria da cidade n'um dia de grande incendio.

Sentia calor, uma sede immensa, e perto d'ella, borbulhando, uma fonte de aguas claras que não podia beber.

Abamir tremia tambem e desolava-se, falando em deixar Toledo para expiação d'aquelle falta.

— Não, ficae... — murmurou a princeza, abandonando-lhe a mão.

— Isto passou.

E contou-lhe, ingenuamente, aquella sede, aquellas chammass, as visões do fogo e da agua.

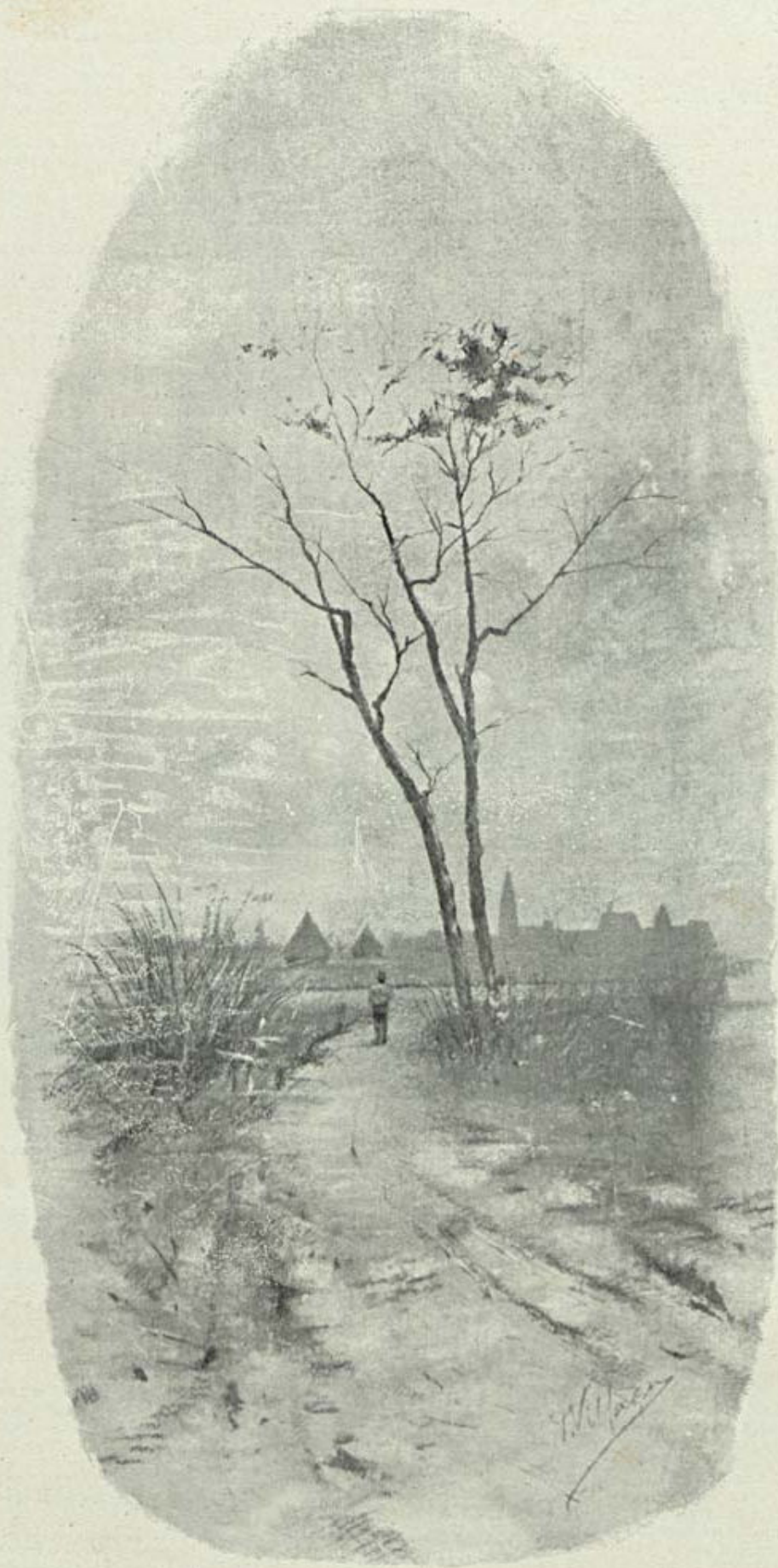
Abamir sorriu, explicando languidamente:

— E' que o beijo do arabe é como o fogo do deserto: produz a miragem.

E acariciou, nas suas mãos ferreas de guerreiro, a mão ainda tremula da virgem goda.

Por momentos ficaram silenciosos, a olharem-se avidamente.

Um sopro frio de vento passou como um forte arrepio nas folhas e nos ramos das laranjeiras, sacudindo, com ruido, alguns fructos na terra.



CREPUSCULO — Desenho de F. Villaça

Ao longe, n'um descampado, o sino de um convento de monjas dobrou, clamoroso e maguado, á extrema-uncção de uma virgem, e no céu, a lua avermelhada, em crescente, parecia um alfange ensanguentado que a mão invisível de Mahomet mostrava ameaçador sobre as serranias da Iberia.

Estremeceram.

Sentiram nos braços os dedos finos do rei christão e do rei arabe, a separá-los em maldição.

Instintivamente as suas mãos apertaram-se com estremecida violência.

Mas a voz de Suintiliuba que continuava a falar da viagem e dos

As palavras dos guerreiros chegavam-lhes agora nitidamente aos ouvidos, pela janella escancarada.

O bispo-guerreiro, de pé, erguendo, em triumpho o seu copo de ouro, exaltava e garantia, com textos biblicos, a immortalidade do imperio godo.

«Podia o rei confiar, que a Iberia oppunha uma rede de fortalezas contra os arabes. Toda a costa marítima era uma cadeia impenetravel, cada rio um fosso invencivel, cada serra uma muralha que deteria os cavalleiros do Islam.»

Abamir olhou, desdenhosamente, a sorrir, o vulto gigantesco do bispo. Depois, ergueu-se do banco, e n'um gesto caricioso, levando

ASSUMPTOS MILITARES



(Phot. de J. Benoliel.)

Recrutas de artilharia fazendo exercicio em Queluz

arabes no palacio illuminado, tranquillizou-os, olhando-se com paixão.

Lembraram-se da partida do dia seguinte, da felicidade de se verem e viajarem juntos, a caminho d'essa ermida longiqua, escondida nos Montes Herminios, que o rei invocara n'uma hora de fé.

— E se nós não voltassemos? — propoz Abamir, estonteado. — Se eu te fizesse rainha dos herminios?...

— Dos herminios? interrogou a princeza, buscando a recordação d'este nome.

Abamir aproximou-se-lhe mais, nervoso, falando baixinho, como se quizesse revelar-lhe um segredo de guerra.

Os herminios eram os pastores de Viriato, valentes como as seras, ternos como as creanças. Adoeciam de magua por lhes faltar um borrego, e assolavam um imperio se lhes roubassem um retalho dos campos. Habitavam um paiz cercado de montes altissimos que tinham sido, no começo do mundo, principes gigantes, chamados pelo céu á lucta contra os deuses.

Os deuses deixaram que as suas cabeças tocassem o azul, immobilizando-os, para um castigo tremendo; as estrellas, que então eram os seus diademas, arrancaram-lh'as das fronte espalhando-as no firmamento, coroando-os, em seguida, de neve, para lhes adormecerem os ardores guerreiros.

E assim ficaram para sempre castigados, immoveis, coroados de neve, roçando as fronte geladas no céu.

Mas o céu, que nunca os esquecera, continuava a ungi-los de azul, e as madrugadas, revestindo-os de nevoa alvissima, recordaram saudosamente os arminhos da sua realza. E sempre que o sol rasgava, com fogo, os mantos alvos da sua antiga nobreza, as pedras e as arvores ficavam tremulas de lagrimas, a chorar...

Abamir calou-se por instantes, deslumbado na historia da terra que ia ser o paiz do seu amor.

Em seguida, explicou rapidamente o seu plano.

Os herminios eram valentes. Os seus primeiros avós, principes divinos agora convertidos em montes, cercavam, invencivelmente, o paiz, como sentinellas, e tão bem conservavam as suas antigas armaduras, que a seus filhos bastava subir-lhes aos flancos e servir se das suas armas, para deterem os invasores.

Sabia que os herminios não temiam a guerra, mas adoravam a paz: por isso, antes que os arabes tomassem as Hespanhas, podia elle offerecer-lhes, em nome do Kalifa, a sua independencia.

— Os arabes! sempre os arabes!... murmurou a princeza, ferida no seu orgulho de raça.

Abamir affagou-lhe os dedos n'uma caricia de arrependimento.

Ao mesmo tempo, uma janella do palacio abriu-se com estrondo, deixando ver, a toda a luz, o bispo de Toledo, revestido de armas, empunhando um copo de ouro.

Estava-se no fim do banquete.

os dedos á cabeça da princeza, desprendeu-lhe, do retelo de ouro, uns fios de cabelo.

— Suintiliuba!... murmurou graciosamente — eis a unica muralha que detem os arabes...

A princeza entrelaçou rapidamente as mãos finas nos dedos do arabe, exhalando um queixume em que havia dôr e delicia: eram sagrados os cabellos da mulher goda, só o esposo lhes podia tocar.

E, por momentos, ficaram de pé, as mãos entrelaçadas e os rostos proximos, a aspirarem, com loucura, os halitos offegantes.

Mas, rapidamente, o sino do convento dobrou mais clamoroso e maguado, a annunciar a morte pura da monja, e, no céu, o crescente da lua, recurvo e cruento como o alfange do Propheta, descia rapido sobre o mar da Lusitania, a esconder-se de uma traição.

Suintiliuba e Abamir olharam-se mais um momento e despediram-se tristemente, ouvindo no rumorejar de cada folha o segredo religioso de uma lingua que os separava.

No palacio, cheio de luz, havia já silencio, e os guerreiros jaziam de bruços, sobre as mesas, adormecidos no suavissimo vinho da Bética.

No dia seguinte toda a côrte partia de Toledo a cumprir o voto



Assumptos militares. — Recrutas da bateria de Queluz fazendo exercicio (Phot. de J. Benoliel.)

do rei, que promettera ir depôr, no altar da Senhora do Freixial, o corpo tenro do seu primeiro filho varão.

A viagem fazia-se demoradamente, sem cansaços, intervallada de repousos e caçadas frequentes nas terras dos senhores por onde passavam.

Abamir, o mestre de falcoeiros, corria a pé, ao lado da côrte montada, na esperança, algumas vezes realísada, de erguer da terra qualquer objecto que Suintiliuba deixasse cahir.

Caminhava descalço, sempre audaz e inquieto, porque as mãos dos moços de caça respondiam por qualquer falcão ou açor extra-viado.

Ao descobrirem o monte da Egytania, vira elle cortar, á ordem do rei, os pulsos de dois monteiros, por soltarem, sobre um bando de perdizes, dois falcões que não voltaram.

Para evitar nova mutilação, conduzia elle proprio, presos por um

os açores do rei: o golpe do punhal, ao colher as peonias, para mais longe, cortando a corrente das aves.

Picados de vingança, os cavalleiros cahiram rapidamente sobre elle amarrando-lhe os braços.

Quintiliuba ainda lhe viu, atada á roda do pulso, a ponta pendente do cordão vermelho, a lembrar-lhe um fio de sangue correndo de um golpe circular, e fechou os olhos esvahida de horror nos braços ferreos dos seus bucellarios.

Quando já noite avançada o sequito entrou na Egreja a deitar o pequenino principe no altar da Senhora, a filha do rei chorava (de jubilosa fé, ao que diziam os cortezãos) e quiz ficar no suppedaneo a cumprir um voto particular, deixando que a côrte retirasse a dormir nas casas pobres dos moradores do Freixial.

Toda a noite gemeu e chorou de joelhos, resando Ave-Marias pelos fios dos seus cabellos, soltos do retiole em signal de dor.

Assumptos historicos



Batalha de Fleurus

(Quadro do pintor Mauxais)

cordão de seda escarlate, dois açores-primas não amestrados que o duque das Asturias ha pouco offerecera ao rei.

Na ultima tarde de viagem, já perto da Egreja do Freixial, Suintiliuba, que se atrazara um pouco do sequito do pae, avistou duas peonias rubras, nascidas entre penhascos altissimos, verticaes, a pender sobre um abysmo, e apontou-as, admirativamente, á sua comitiva, ficando-se a pensar, com ciúme, nos cabellos negros das pastoras lusitanas para quem ellas nasciam na serra.

— Se vós mandaes?... — arriscou um cavalleiro, fitando sombriamente as flôres, turbado no perigo certo do abysmo.

— Não, conde: além em baixo, só uma agulha as cortaria.

Todos os cavalleiros emmudeceram de pavor.

— Uma agulha ou um arabe!... bradou Abamir com orgulho.

As armas dos godos ergueram-se ameaçadoras sobre a cabeça desarmada do mussulmano, mas um olhar altivo da filha do rei conteve-os em respeito.

— Para taes commettimentos — desdenhou um guerreiro n'um sorriso falso — só as cabras dos Herminios e os arabes do deserto...

— E tambem as aguias... accentuou a princeza nervosamente.

Entretanto Hamir avançara para o abysmo, descendo-o verticalmente, pendurando e balançando a vida nos resaltos escorregadios dos penhascos polidos da chuva.

Pouco depois a princeza e a comitiva viam-no subir, possuido de uma alegria estranha, com as duas bellas flôres na mão, mas já sem

«Se o rei perdoasse a Abamir!... Se a Virgem soltasse Hamir...» exorava ella, com as pupilas quentes das lagrimas, interrogando o rosto da Senhora.

E não lhe fazia voto, porque a sua vida pertencia ao arabe, mas promettia-lhe, com segura fé, a sua joia mais rica: o coração do mussulmano.

Já a aurora começava a romper e a Virgem sem decidir!...

Chegavam-lhe aos ouvidos os presagios roucos das lagôas e o afiar rascante do cutello no poial da Egreja onde, ao nascer do sol, deviam cortar-se os pulsos de Hamir!

Sentia já a magua a esvasiar-lhe os sentidos, quando as pennas tepidas de uma azabrandia lhe sacudiram docemente as lagrimas pendentes dos cilios negros.

Ergueu-se bruscamente do altar, espavorida. Mas ao pavor succedeu a alegria: sobre os seus hombros esbeltos tinham pousado graciosamente os dois açores do rei.

Beijou estremecidamente as cabecitas das aves e mandou-as, sem demora, a Semitila, mas o emissario voltou com duas noticias fataes: morrera o filho do rei, e, ao arabe, havendo-se-lhe encontrado na prisão, esse pergaminho do Kalifa, depois de o comprimirem n'uma stringe envenenada, tinham-no exposto sobre um penhasco da serra, para que as aves o devorassem.

Ao saber destas novas, Suintiliuba cahiu no suppedaneo, livida e linda, como a sua estatua de marmore deitada no proprio tumulo.

Quando o rei, lacrimoso, seguido da côrte e dos lusitanos vestidos de pelles chegou ao altar, com o filho morto nos braços, Suintiliuba abriu os olhos gelados das lagrimas para a Virgem que tambem chorava, e a creança resuscitou.

O povo e a côrte gritaram em triumpho, aclamaram-na santa, e quando o pae lhe offerencia a melhor provincia do imperio, ella pediu para ficar entre os montes Herminios, em perpetua adoracão.

E na noite desse dia, quando o rei e a corte iam já longe, de volta a Toledo, promettia ella as riquezas que o pae lhe deixara a quem lhe encontrasse na serra os ossos de Hamir.

Fazia nessa noite um mez que elle lhe falara, no jardim do palacio, em talhar um reino sobre os Herminios.

A' mesma hora e no mesmo ponto do ceu, o crescente da lua, suspenso no poente, visto da torre da Egreja para onde subira a vigiar a dolorosa busca nocturna, evocava-lhe a bandeira do Kalifa arvorada sobre a neve dos Herminios.

Mas do campo semeado de fachos accesos, apenas lhe vinha o rumor da gente cansada de procurar o corpo do arabe na terra mal allumiada.

Desceu da torre ao altar da Virgem, e logo as estrellas brilharam mais e a lua se approximou da terra a illuminar os campos.

Não tardou que aos seus ouvidos reboasse um brado de descoberta. Um pastor encontrara intacto o corpo de Hamir, guardado das aves carnivoras por todos os falcões e açores do rei.

Foram cantar-lhe, alvoroçados da boa nova, as mulheres vestidas de lã e os guerreiros lusitanos armados de escudo concavo e lanças de edre, chamando-lhe a *Senhora Rainha*.

E quando Suintiliuba sahio do leito amargurada nos desejos do povo, viu que toda a natureza lhe pedia para viver: o ar forte, o sol puro, as serras aloiradas de pão e as arvores carregadas de fructos.

E a princeza viveu, mandando construir um palacio junto á Egreja, que o povo chamara já de *Santa Maria de Açores*, e na capella-mór o seu tumulo, onde, uma noite escura, com o segredo de um bucellario, encerrou o corpo de Hamir.

E nunca mais um raio de viva alegria a banhou.

O proprio sol, ao fundir-se na sua melancholia, se turvava e fazia luar, e a noite andava á roda della, a surgir-lhe de magua e sombra os logares por onde passava.

A sua alma só abria um sorriso quando os mais poderosos principes christãos, ambiciosos de a ter como esposa, lhe mandavam, por cavalleiros de Toledo, pergaminhos de amor que ella ia queimar, liel e carinhosa, sobre o tumulo de Hamir.

Os cavalleiros voltavam á corte, desgostosos da recusa, e Suintiliuba continuava vivendo entre os herminios, sempre linda e sempre triste, sem que o tempo lhe frisasse a belleza, sem que o sol lhe fundisse a melancholia.

A's tardes, os pastores que apascentavam os gados nos valles viam-na trepar ás escarpas, sósinha, apressada, afflicta, como um



Universidade de Coimbra. — Uma vista do lado norte

Trouxeram-lh'o para o altar, morto e frio, com um rictos de triumpho nos labios entreabertos, onde a princeza adivinhou as syllabas do seu nome.

E junto ao cadaver, em frente da Virgem, ficou Suintiliuba, a chorar convulsivamente!...

Passaram horas, uma noite, um dia, muitas noites, muitos dias, e o seu corpo bello amudava, amarellecia, consumindo-se de pena.

Uma tarde entraram na Egreja dois creados para a transportarem. Recebeu-os com um olhar turvo, desvairado, sem os conhecer.

Quiz resistir agarrando-se ao cadaver, mas estava fraca, magrinha e tremula...

Um bucellario tomou-a ao collo, carinhosamente, com receio de a desconjuntar.

A' porta da Egreja voltou para o altar os olhos lindos, agora febris e descoloridos.

— Senhora! — accusou debilmente — Vós não o resuscitaeis porque não é christão.

E descabiu-lhe a fronte esmaiada sobre o hombro do bucellario.

Durante dias, a morte embalou-a n'uma doenca calma para a matar sem dor, devagarinho, mas, uma tarde, a vida abriu-lhe placidamente os olhos, erguendo-se do leito, emmurchecida e cansada como uma rosa da tarde que um pé de vento torcesse ao nascer do sol.

affagado elevando-se suffocado na agua, á busca de um rochedo onde respirar.

Emquanto subia, os montes pareciam-lhe degraus sobre o mais alto dos quaes o céu se abaixava a segredar confortos, e, ao chegar ao cume das serras, o seu peito desopprimia-se, porque a sua magua, se espaiava na perspectiva inundada de uma tristeza maior.

Acreditava, então, que as terras dos Herminios eram tristes porque ella estava triste, e este pensamento de que até as serras a acarinhavam n'uma melancholia affectuosa, lisongeava-lhe a dor, sentindo que a doce saudade dos vales era a dura pena dos montes por não assentar sobre elles o throno de Hamir.

E assim viveu Suintiliuba por muitos annos, sempre triste e sempre linda.

Um dia de novembro uma serva fio encontra-la no leito a tremer como uma andorinha passada de frio.

Gemia baixinho, de uma dor no peito, mas os olhos rutilavam accesos n'uma alegria longinqua...

— Estou quasi morta. . . disse ella placidamente.

E mandou que a levassem, sem demora, sobre o leito de seda, para o seu tumulo, onde queria ser unvida e sepultada sem que alguem lhe tocasse num fio do amiculo.

Quando a noticia se espalhou, o céu toldou-se de branco, e os lusitanos correram, doloridos, á Egreja, onde a viram deitada no tumulo, adormecida pela dor, entre luzes que não crepitavam para a não acordarem.

Ao principiar a unção, tão grande era a dor e o silencio que se ouviam as lagrimas dos serranos cahindo sobre as lageas do templo.

Cá fóra, o povo que não pudera entrar resava ajoelhado no adro,

sem murmúrios, debaixo da neve, que lhe cahia tranquillamente nos cabellos descobertos, e tão vasto era o silencio d'aquella hora, que nem da serra vinha um bafo de vento nem dos peitos sahia um sopro de respiração.

A neve descia lentamente, oscillando na atmospherá mansa em flocos tenues como pennas cahidas de passarinhos brancos escondidos entre as nuvens.

«São dos anjos que veem busca-la...» ouviu-se uma voz distante que pareceu sahir da serra.

E logo em seguida reboaram pelos montes os gritos dos lusitanos, chorando a morte de Suintiliuba.

Annos depois, o exercito arabe assolava a Iberia, e quando n'uma Igreja dos Herminios dois guerreiros mussulmanos violavam uma sepultura, á busca de ouro, encontraram um corpo virgem de princeza christã, linda e fria, tendo a cobrir-lhe os seios alvos de neve o turbante verde de um descendente do Propheta.

Religiosamente choraram sobre o tumulo, como se tivessem profanado um mysterio do Islam.

Padre ALVARES D'ALMEIDA.

O funeral da pomba

Um pequenino, a soluçar, caminha
A' tarde pela estrada;
Vai, de capa encarnada,
A agitar tristemente a campainha.

Abre o prestito, á frente, o irmão mais velho
Com ares d'infeliz;
Leva uma cruz alçada e um Evangelho,
E uma saia a fingir sobrepeliz.

Tres eriancinhas vão
Tirando o carro com sentida magua,
A enxugar — coitaditas! — com a mão
Os olhos rasos d'agua!

A pomba vai deitada
Sobre um colchão de folhas setinosas;
Abrija-a uma ramada
Toda feita de petalas de rosas.

Vão raparigas a espargir-lhe em roda
As flores que despontam no caminho
E as longas azas, que a encobrem toda,
D'uma brancura doce,
Deixam-n'a ir assim como se fosse
Amortalhada n'um lençol de linho!

No ar adeja o bando
Dos rouxinões, soltando
Uns dolorosos pios!...

Das folhas do arvoredro
Pendem sentidas lagrimas em fios.

E pelo pinheiral
Perpassa o vento a soluçar a medo,
Como quem chora em intimo segredo,
Ao vêr passar o triste funeral!

Alberto Braga.

Um monumento ao imperador do Brasil, D. Pedro II

Em Petropolis, que assim prestou homenagem á memoria do seu fundador, realisou-se no dia 5 do mez findo com um cerimonia brilhantissimo e a assistencia do presidente da republica, altos funcionarios e representantes da imprensa brasileira, a inauguração d'um monumento a D. Pedro II, imperador do Brasil.

O monumento, obra d'um joven escultor francez, representa o imperador sentado, encostando o rosto á mão esquerda e fitando o horizonte em attitude de meditação.

A estatua foi desvendada pelo marechal Hermes da Fonseca, illustre chefe do estado brasileiro, dando-se na occasião as salvas proprias da cerimonia a que se estava procedendo.

O presidente do concelho de Petropolis, recebendo o monumento, fez um discurso brilhante e todos os jornaes do Brasil publicaram artigos de homenagem á memoria de D. Pedro II.

O facto d'uma republica erguer um monumento a um imperador e esse imperador ser precisamente aquelle que occupava o throno no momento em que uma revolução triumphante para sempre o baniu da sua patria, constitue uma homenagem o mais significativa que é possivel para o morto illustre que d'ella foi alvo e honra ao mesmo tempo o governo republicano que teve a lealdade e a honradez de a promover ou de a consentir.

O facto não é vulgar, e por isso mesmo que o não é, aqui queremos deixa-lo archivado n'estas simples linhas.

Quasi sempre tardiamente a historia faz justiça áquelles que consagram a vida á felicidade dos povos e ao bem-estar da humanidade. D'esta vez, porém, produziu-se no Brasil uma excepção.

O imperador morreu apenas ha vinte annos. Vive ainda a geração que o expulsou da patria. Pois foi justamente essa geração que de novo o chamou, levantando-lhe um monumento a attestar as suas virtudes!

Razão tinha o imperador quando, referindo-se ao Brasil, exclamava:

Grande Povo!

Convento de Santa Joanna

Accompanhando as gravuras que a seguir publicamos veem a proposito algumas palavras de historia acerca do antigo convento de Santa Joanna, actualmente a abarrotar de papelada velha e inutil, que o governo vae fazer desaparecer para, no mesmo, organizar uma verdadeira repartição de estatistica.

O convento de Santa Joanna era positivamente de religiosos de S. Domingos e foi fundado em 25 de novembro de 1699 n'uma quinta de D. Alvaro de Castro, adeante do convento de Santa Martha. Em 1755, por occasião do terramoto, este convento nada soffreu e como tivesse poucos religiosos e as freiras do convento da Annunciada da mesma ordem dominicana se vissem obrigadas a abandonar o seu mosteiro que o terramoto arrasara, foram estas recolhidas na cerca do convento de Santa Joanna, accomodando-se em varias barracas que mandaram levantar.

Mais tarde os frades sahiram e el-rei D. José mandou preparar melhor o convento para que as freiras alli formassem a sua clausura perpetua, reunindo-se-lhes pouco depois as do convento da Rosa tambem da ordem de S. Domingos.

O convento de Santa Joanna fica ao fim da rua de Santa Martha, dentro d'um grande pateo, ficando a igreja á direita com a frente para o lado sul. Tem 8 capellas incluindo a capella-mór, onde estão os santos fundadores, S. Domingos e S. Francisco. Toda a igreja é adornada de quadros pintados a oleo allusivos ao culto divino.

O convento de Santa Joanna acha-se actualmente em pessimo estado de conservação.

Egrejas, mosteiros e capellas



Convento de Santa Joanna. — Entrada da igreja

Phot. de J. Beuollel.

CARTAS DE JOGAR

Depois das cartas de namoro, que são as mais espalhadas, não ha objecto mais conhecido no mundo do que as cartas de jogar! Em todos os paizes as vamos encontrar, a sua significação muda é um gesto que é comprehendido por todos. Estão bem em todos os climas, com todos os habitos, em todas as posições sociaes. Encontramolas no Norte para distrações em as noites de inverno, no Sul para as horas abraçadoras do calor. O rico recorre ao jogo para matar o tempo ou para ter o prazer de ficar pobre, o pobre julgando livrar-se da miseria; enfim desde as mansardas mais humildes, da casa mais burgueza á mais fidalga e rica, nos campos, nos casinos, nos vapores, etc., vemos as cartas de jogar!

Pois sendo ellas tão vulgares, a sua origem tem dado occasião a renhidas disputas entre os investigadores.

Muitos dizem que é a França que tem a gloria da invenção, dizendo que foram imaginadas para occuparem a intelligencia vacillante do rei Carlos VI. Outros dizem que veem do Egypto e que eram lá conhecidas setecentos annos antes de Christo. Ha quem diga que as cartas eram signaes symbolicos, as doze figuras os signos do Zodiaco, as côres pretas e encarnadas os dois solsticios, as quatro especies correspondem ás quatro estações. Outros derivam a sua origem da Italia no seculo xiv, outros ainda da Allemanha seculo xiii, e tambem de Hespanha.

Os auctores gregos e latinos não falam d'ellas. Mas, abandonando as hypotheses, vemos que sómente no reinado de Carlos VII é que encontramos as cartas com a forma que hoje teem.

Foi então que se deram ás differentes côres os nomes de espadas, copas, paus e ouros. Os reis eram David, Alexandre, Carlos Magno e Cezar. Os valetes Heitor, Lancelat, Egier e La Hire.

Carlos Magno não era outro senão Carlos VII, Pallas a dama de espadas, era Joanna d'Arc, Argina, dama de paus Maria d'Anjou, mulher de Carlos VII, Rachel dama de ouros a famosa Sorel amante do rei, Judith era Isabel da Romiera, mãe do rei.

Emquanto aos valetes: Heitor era Heitor Galard capitão das guardas de Luiz XI, Lancelat o celebre cavalleiro de Lago, e Gier um famoso cavalleiro enterrado em Meause, La Hire o illustre Estevão de Vignolles.

Houve quem affirmasse que a espada era a nobreza, a capa o cléro, o pau o commercio e o ouro o povo.

Atys.

PSALMO

O nome do Senhor seja louvado
Na terra e nas alturas:
Louvem-no estrellas, lua, sol dourado
E angelicas creaturas.

Louvem-no de continuo aos céos profundos
E as aguas lá de cima;
Louvem o nome do que fez os mundos
E a todo o ser anima;

E, dando luz a cada ser creado,
Poz-lhe um preceito, que hade
Permanecer constante, inquebrantado,
Por toda a eternidade!

Louve-o quanto na terra se sustenta,
Louve-o até o inferno;
Louve-o a tempestade, que rebenta
Fiel á voz do Eterno.

Louve-o o monte, que a sua cumeadá
A's nuvens alevanta,
Louve-o a arvore de fructos avergada,
Louve-o a esteril planta.

A ave, que vóa, a fera, o bicho immundo
Louvem-no a cada instante,
Povos e reis, novos e velhos... tudo
Em tudo o louve e cante!

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

— «Deixem-se lá de historias» — dizia um sapateiro que tambem se occupava de politica. — «Napoleão foi um grande homem, mas assim mesmo ainda não chegou aos calcunhares de Bonaparte».

A cabeça é insubstituível

O rei de Inglaterra, Henrique VIII, julgando-se pessoalmente agravado por Francisco I, rei de França, incumbiu um bispo em quem depositava plena confiança, de, em seu nome, exigir d'este monarcha uma satisfação pela offensa recebida. O bispo que sabia ser Francisco I de genio arrebatado e violento e muito capaz, se para ahí lhe dêsse, de o fazer passar um mau quarto de hora, sem se importar com a sua qualidade de embaixador, pediu com instancia a Henrique VIII que o dispensasse de tal commissão em que a sua vida corria sério perigo.

— Não tenha receio algum, respondeu-lhe o monarcha, porque se o rei de França ousasse mandar assassinar um delegado meu, eu responder-lhe-hia mandando cortar a cabeça a todos os subditos francezes que residem nos meus Estados.

— Não duvido, replicou logo o bispo, que Vossa Magestade tirasse essa desforra, mas tenho para mim a certeza de que entre todas essas cabeças cortadas por ordem de Vossa Magestade, não se encontraria uma que assentasse tão bem entre os meus hombros como a minha.



Igrejas, mosteiros e capellas. — CONVENTO DE SANTA JOANNA

O côro tal como se encontra actualmente, atravancado com os papeis do censo (Phot. de J. Benoit.)

Curiosidade inconveniente

In illo tempore, passeiava um principe no Terreiro do Paço, acompanhado do seu camarista, quando este lhe fez notar a semelhança flagrante que com elle apresentava um individuo que por alli andava flinando.

— E' verdade, confirmou o principe, dir-se-ia que me desdobrei em dois.

Aguilhoado pela curiosidade aproximou-se o principe do individuo e, depois de declinar os seus titulos, perguntou:

— Você vive em Lisboa?

— Não, meu senhor; é a primeira vez que cá venho.

— D'onde é então?

— De Thomar, meu senhor.

— Ah! mas, por certo sua mãe vinha cá muitas vezes?!

— Não, meu senhor; meu pae, sim, esse vinha cá muito a meudo.



Igrejas, mosteiros e capellas. — CONVENTO DE SANTA JOANNA

Uma parte da igreja, tendo-se à direita alguns armários com papeis tapando varias obras d'arte

(Phot. de J. Benoit.)

NO ALTO MAR

Quando o sol se escondia no Occidente,
Eu sentia uma dôr amargurada
E ficava a pensar na minha amada
Que tão longe ficára descontente.

Vinha então debruçar-me, tristemente,
Olhando o mar e a noite socegada
E a perguntar á lua immaculada
Se «ella» ainda chorava impaciente.

Longe assim do bulicio d'este mundo,
Era tudo o silencio mais profundo!
— Que lindas noites de serena calma! —

Com a dôr de quem vive sem acoite,
Vinham quebrar a dôce paz da noite
Os quebrados soluços da minh'alma!

1910

ESPINOLA DE MEXDOÇA.

Annaes da vida de uma mulher solteira

- 15 annos. Arde em desejos de crescer para attrahir a attenção dos homens,
16 annos. Começa a ter uma idéa confusa do que se chama uma paixão.
17 annos. Fala d'amor terno e desinteressado em uma cabana longe do mundo.
18 annos. Sonha umas ternissimas relações amorosas com um mancebo que já começou a fazer-lhe a côrte.
19 annos. Faz-se mais escrupulosa e menos amavel porque tem diversos adoradores.
20 annos. Começa a ser o que se chama a mulher da moda e julga-se obrigada a mostrar-se orgulhosa dos seus attractivos.
21 annos. Crê firmemente na influencia dos seus bellos olhos, e sonha com um casamento brilhante.
22 annos. Regeita um partido vantajoso porque o pretendente não é o que pôde chamar-se um homem da moda.
23 annos. Namora todos os rapazes que conhece.
24 annos. Admira-se de não ter ainda casado.

25 annos. Torna-se mais judiciosa e prudente.

26 annos. Começa a pensar que pôde passar sem marido opulento, contanto que case.

27 annos. Prefere o tracto dos homens prudentes, aos namoricos que até então a deleitavam.

28 annos. Limita-se a desejar uma união modesta; basta-lhe o necessario para viver sem privações.

29 annos. Começa a perder as esperanças de casamento.

30 annos. Começa a temer que lhe chamem solteirona.

A cultura dos morangos

O morango é um fructo delicioso e por isso muito procurado. Quem possuir uma horta em sitio alto e arejado não deve excluir esta cultura, tanto mais que o moranguero dá uma magnifica bordadura para os canteiros.

Além d'isso é voz corrente que o morango é fructo de muitas virtudes; amacia a pelle, faz desaparecer as sardas e cura a gotta; evita tambem as frieiras áquelles que no verão tiverem esfregado as mãos com elle.

Certo, certo, é que é um fructo delicioso, quer com assucar e vinho do Porto, quer com leite e assucar; ou ainda com summo de laranja ou limão e um pouco de assucar previamente esfregado no amarello da laranja. Ha ainda quem os coma com creme ou com aguardente velha.

O morango é um esplendido refrigerante; espremidos em agua assucarada dão uma bebida muito recommendavel em casos de inflammções intestinaes; misturados com framboesas e groselhas, salpicados de assucar, são de appetite nos grandes calores.

O morango não se reproduz em geral por sementeira a não ser quando se queira obter novas variedades. O moranguero reproduz-se mais vulgarmente por meio dos braços ou estolhos e é este um dos dois unicos meios de reproduzir exactamente a mesma variedade.

Os melhores braços para a reproducção são os que mais proximos se encontram do pé mãe, tendo havido o cuidado de lhes deixar apenas um ou dois rebentos para os vigorisar. Plantados em setembro ou outubro dão logo no verão seguinte uma abundante producção, não se devendo deixar mediar, porém, muito tempo entre o ar-ranço e a plantação para evitar que as raizes murchem com o prolongado contacto do ar.

Os braços começam a apparecer na época da floração. Se não houver necessidade de muitas plantas para multiplicação convém cortar os braços logo ao primeiro tufo de folhas, porque de contra-

rio continuariam a alongar-se durante toda a estação, produzindo umas poucas de plantas cujo vigor decresce successivamente.

O morangueiro precisa para vegetar com todo o vigor que se façam sachas profundas e muitos frequentes, principalmente nos meses de março e abril, e que se lhe não falte com regas amiudadas e abundantes, mesmo quando o sol dardejar sobre elle os seus raios ardentes. Na primavera e no verão, durante o tempo que durar a fructificação, deve haver especial cuidado em supprimir todos os braços multiplicadores, porque se os deixarem crescer fatigam o pé mãe, dando em resultado uma fructificação menos abundante e menos bella.

O morangueiro requer um clima que não seja excessivamente secco e terreno de natureza tal que não permita estagnação de aguas. Dadas estas condições qualquer terra de horta, convenientemente preparada por meio de cavas moderadas e abundantemente estrumada, pôde produzir morangos excellentes. Preciso é, porém, que a horta esteja em situação tal que o ar ahí circule livre e francamente, porque o morango requer um local bem arejado e é essa a razão porque, nas pequenas hortas da cidade que, em geral, são flanqueadas de muros altos, o morangueiro não chega a produzir fructo.

Um morangal bem tratado pode durar cinco a seis annos; mas se lhe faltarem com o adubo annual, as regas ou a suppressão dos braços, no fim de dois annos torna-se necessario renovar a plantação. Mesmo depois da fructificação não se lhe deve faltar com um certo numero de cuidados e, principalmente, limpá-lo, desembaraçando-o das folhas amarellas ou pódres, regal-o com adubo liquido em dias de sol encoberto e sachar o terreno. Os braços que se desenvolvem depois d'estas operações são os que se devem aproveitar para a multiplicação.

Ha uma variedade de morangueiros sem braços, chamada a dos *Alpes sem estolhos* cuja reprodução se faz por isso por meio da divisão dos tufos de folhas. Esta variedade é a mais empregada nas bordaduras dos canteiros.

Quando para qualquer outra variedade se queira recorrer a este processo de reprodução é preciso cortar a porção de cepa que fica, logo a 1 ou 2 millímetros do tufo de folhas, pois que é no ponto de intersecção d'estas e não na cepa que brotam as novas raizes; e para assegurar o enraizamento aperta-se bem a terra em torno dos rebentões, regam-se cuidadosamente e cobrem-se com palhuço.

A reprodução por sementeira é empregada para obter novas variedades ou para reproduzir a variedade dos *Alpes sem estolhos*.

Para obter as sementes espremem-se os mais bellos morangos das melhores variedades dentro d'um panno, põem-se a secar e separam-se as sementes esfregando-as nas mãos. Pode proceder-se de outro modo: seccam-se os morangos ao ar e depois lavam-se rapidamente em agua as sementes esbranquiçadas para lhes tirar a mucilagem que as envolve; seccam-se ao ar e guardam-se em sacco de papel até á epocha da sementeira que é em abril ou maio.

Em terra propria, bem nivelada e esmiuçada, espalham-se as sementes a lanço, cobrindo-as com uma camada muito delgada de terriço que se deve conservar sempre humido por meio de aspersões frequentes com regador de crivo muito fino. Ao cabo de tres semanas já as sementes devem estar todas nascidas e, quando as novas plantas tiverem duas ou tres folhas, transplantam-se para viveiro de terra ligeiramente estrumada até fins de setembro ou principios de outubro, epocha em que serão dispostas nos terrenos onde devem crescer e fructificar.

Mappas historicos



Carta de Gaspar Viegas. — Feita em Outubro de 1534
EXISTENTE NA BIBLIOTHECA DE PARIS

NO MAR

Mar e céu... Nada mais... E aquelle vulto curvado na amurada tristemente a ver ao longe o sol já meio occulto nos mares solitarios do occidente.

Aquellas são as horas da saudade. Vem lagrimas na luz, que o sol derrama ao longe, como um prego em braz, em chamma, unindo immensidade a immensidade.

Por isso lhe vae triste o pensamento. Que os céos no mar poisados dão-lhe a idéa da vida e da esperanza, e a vida vê-a como se fosse um mar sem firmamento.

«Ó patria — diz e, seculos rasgando na noite do porvir, nas mãos erguia o livro eterno — «Sim, tu sim, um dia, ó patria minha... Mas...» E então chorando,

perdido o olhar no azul profundo e triste, sepulto o pensamento no infinito, abria-se-lhe o peito n'este grito:
«Alma minha gentil que te partiste...»

FERNANDO CALDEIRA.



Theatros

Nacional — *Miquette e a Mãe*, comedia em 3 actos de Robert de Flers et G. A. de Caillavet, traducção de José Sarmiento. **Gymnasio** — *Miquette e sua mãe*, comedia em 3 actos de Robert de Flers et G. A. de Caillavet, traducção de André Brun. **Republica** — *Theodoro & C.*, comedia em 5 actos, traducção de Accacio de Paiva; *N'um rufo*, revista em 1 prologo e 2 quadros de João Phoca e Machado Correia, musica de Assis Pacheco. **Trindade** — *As Meninas Michu*, operetta em 3 actos, adaptada do francez por Souza Bastos. **Apollo** — *Aguilha em palheiro*, revista em 3 actos e 14 quadros, original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e Marçal Vaz, musica de Philippe Duarte e Carlos Calderon.

A ultima quinzena theatral foi cheia de novidades: umas *alfacinhas*, outras de importação; novidades em que fazer rir foi a condição primacial, attendendo á época, propicia a folias, nas quaes o publico não procura verosimilhanças ou coherencias, mas unicamente passar despreocupado e alegre algumas horas. A primeira peça da phase carnavalesca foi a *Miquette et sa mère*, de Robert de Flers et G. A. de Caillavet, os applaudidos auctores do *Leque*, do *Roi*, do *Amor não dorme*, peças muito conhecidas do nosso publico, além de muitas outras que lá fóra teem feito grande successo, devido ao cunho original da graça dos referidos auctores, que vincam, um a um, todos os ridiculos da sociedade do seu tempo, mas sem causticar, beliscando levemente apenas. Assim é a *Miquette*, que ha pouco foi posta em scena em dois dos nossos theatros — no **Nacional** e no **Gymnasio** — em duas excellentes traducções devidas a José Sarmiento e André Brun. Sem procurar estabelecer confrontos, diremos que tanto n'um como n'outro teatro a *Miquette* teve um excellentes desempenho, merecendo speciaes referencias Ignacio, no *marquez*, Cecilia na *Miquette* e Luiz Pinto no *visconde* — no **Nacional**; e no **Gymnasio** — *Lucinda*, na *Madame Grandier*, Christiano, no *marquez*, Judith, na *Miquette*, Alegrim, no *Pedro*, e José Soares, que fazia a sua estreia, muito bem no *visconde*, mostrando ter recursos e disposição para a scena.

— No **Republica** fez-se *reprise* da esplendida comedia do anno anterior — *Theodoro & C.* — tomando parte na primeira noite José Ricardo no seu antigo papel, e fazendo assim a sua despedida ao publico da capital. Foi substituido nas outras noites por Henrique Alves, que se houve maravilhosamente, desempenhando o papel d'este. Alexandre de Azevedo què lhe deu a vivacidade requerida, sendo estes artistas, como na época anterior, excellentemente secundados por Angela Pinto, Jesuina Saraiva, Julia Assumpção, Alexandrina Quadrio, Chaby, Sarmiento e outros. Para complemento dos especta-

culos do Carnaval, fez a empreza, a exemplo dos outros annos, representar uma revista ligeira — *N'um rufo* — que é uma hora de gargalhada provocada pela graça esfusante que os srs. João Phoca e Machado Correia puzeram na bocca do impagavel *Pantaleão*, bombo da philharmonica de Mafra (Chaby); do *Trinca-espinhas* (admiravel creação de Adalina Abranches) e d'outros, como o *Fadista* (Henrique Alves) etc., etc. O publico riu e isso era o principal, pelo que felicitamos auctores e interpretes.

— As *Meninas Michu* é uma operetta genero antigo, como a *Gran-Duqueza*, *Dragões de El-Rei* e outras, cheia de situações comicas, sem pornographia e baseada no simples facto de duas raparigas, uma filha de nobre, outra de gente do povo, terem sido misturadas em pequenas no banho, a ponto de se confundirem, o que mais tarde dá lugar a varias peripecias. No desempenho distinguiram-se Medina e Palmyra Bastos, da parte feminina, e dos homens merecem referencia especial Gomes, n'um comico soldado de que tirou immenso partido, Corrêa, impagavel, mas muito natural, no pae Michon, Conde no marquez, e Leitão no galã da peça que desempenhou correctamente. A musica é excellente e a peça está bem posta em scena no teatro da **Trindade**.

— *Aguilha em palheiro* é o titulo da nova revista dos srs. Ernesto Rodrigues, Marçal Vaz e Felix Bermudes; obteve no **Apollo** um verdadeiro successo na sua estreia, pois que os actores criticam por uma maneira original até um certo ponto e com bastante felicidade os ultimos acontecimentos, succedendo-se as *piadas* e as situações ininterruptamente, as quaes conservam o publico em permanente gargalhada. Todo o primeiro acto é cheio de espirito, vivendo os restantes mais de efeitos de scenario e guarda-roupa.

O verso é muito cuidado, produzindo bello effeito o monologo do *Vintem* e o duetto *Saude e Fraternidade*, primorosamente recitado por Lucinda do Carmo e Amelia Pereira. O *compère* feito por Carlos Leal foi bem realiado, e é impagavel de graça; n'um outro *savalidade* apresenta-nos um optimo typo que elle caricatura admiravelmente. A musica, scenario e guarda-roupa, excellentes. Com taes requisitos deve ter longa carreira, com o que sinceramente folgamos.

Ruy.

LISBOA ANTIGA



(Phot. de A. C. Lima).

A rua do Recolhimento

Esta rua está situada dentro das muralhas do antigo castello de S. Jorge, no velho bairro de Santa Cruz, cuja igreja se vê ao fundo.